

UM DEBATE PERDIDO NAS ORIGENS DA TEORIA DA REVOLUÇÃO BRASILEIRA

INTRODUÇÃO AOS DOCUMENTOS DE PLÍNIO MELLO (24 FEV 1928 E 21 FEV 1928)

Lucas Andreto¹

Os dois documentos aqui apresentados fazem parte de um episódio esquecido da história política e intelectual do PCB. Não obstante, situa-se nos passos iniciais de um problema que acompanhou os comunistas brasileiros por todo o século XX: a saber, o trabalho intelectual de um projeto político teórico interpretativo da realidade brasileira afinada com o marxismo, ou, de forma concisa, daquilo que convencionou-se chamar de Teoria da Revolução Brasileira.

Trata-se de documentos que são a espinha dorsal de uma polêmica que se iniciou entre a Comissão Central Executiva (CCE) do PCB e a Comissão Regional de São Paulo a respeito da atuação dos comunistas paulistanos nas eleições para deputado estadual ocorridas em 24 de fevereiro de 1928. São eles, *Carta à CCE*, de autoria de Plínio Mello, então Secretário Político do CR-SP, datada de 21/04/1928 sobre *A questão das eleições estaduais*; e a resposta que a CCE deu a mesma, publicada na revista *Auto-crítica*, intitulada *Ainda as eleições de fevereiro em São Paulo*.

Atualmente, a carta de Plínio Mello encontra-se anexada ao prontuário do DEOPS de Aristides Lobo (também militante comunista em São Paulo durante a década de 20), no Arquivo Público do Estado de São Paulo (AESP), e a sua resposta feita pela CCE do PCB numa das poucas edições ainda existentes da Revista *Auto-crítica*, que já na década de 60 era definida por Astrojildo Pereira como uma “raridade bibliográfica”, hoje encontrada no Arquivo Astrojildo Pereira, parte do Arquivo Storico Del Movimento Obreiro (ASMOB) no CEDEM – UNESP.

À época que os documentos foram produzidos (ano de 1928), o PCB encontrava-se no auge de seu primeiro período. Expandia sua presença nos sindicatos, aumentava progressivamente o número de militantes, a repressão antiproletária debelada pela Lei Aníbal de Toledo criaram as condições propícias para ampliarem suas alianças com setores políticos de oposição representantes de outras classes sociais visando objetivos comuns, o que ia de encontro com a política de “frente única” preconizada pela III Internacional. Assim, o Partido pôde servir-se do jornal *A Nação*, que pertencia ao positivista Leônidas de Rezende, como seu porta voz oficial enquanto não podia publicar seu jornal próprio, *A Classe Operária*. Em 1927, com o Bloco Operário e Camponês, o PCB aliou-se ao médico Azevedo Lima elegendo-o como deputado federal. No mesmo ano entrou em contato com Luiz Carlos Prestes, então exilado na Bolívia e em 1929 fundou a Confederação Geral do Trabalho (CGTB). Segundo a pesquisa de Apoena Cosenza, o PCB passou de 116 filiados em 1922 para 1421 em 1929, ao passo que seus militantes ativos somavam 76 em 1922 e passaram a 445 em 1929².

É neste contexto de construção e amadurecimento do Partido Comunista que começaram as primeiras incursões no trabalho de construir uma interpretação marxista-leninista da história do

¹ Mestre em História pela Faculdade de ciências e Letras (UNESP-Assis) e Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UNESP-Marília).

² COSENZA, A. *Um Partido, duas táticas: Uma história organizativa e política do Partido Comunista Brasileiro (1922 – 1935)*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em História Econômica da USP: São Paulo, 2012. P. 96.

Brasil, objetivando traçar a estratégia e a tática da Revolução Brasileira. Como obra inauguradora, figura o livro *Agrarismo e Industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil*, escrito por Octávio Brandão em 1925 e, por conta do Estado de sítio instaurado no país após a revolta tenentista de 1924, publicado apenas em 1926. O livro tem como gatilho a experiência da derrota dos tenentistas, depois de um mês de cerco militar, em sua aventura de tomar de assalto a cidade de São Paulo.

É partindo desse fato que Brandão elabora sua análise, ou, nas palavras dele mesmo, seu “ensaio sobre o Brasil em geral e o imperialismo em particular, sobre a luta das classes e as insurreições armadas de Copacabana em 1922 e São Paulo em 1924”, defendendo basicamente que a contradição essencial das lutas de classes no Brasil se dava entre os interesses da burguesia agrária (oligarquia), apoiada no imperialismo inglês e da burguesia industrial, apoiada no imperialismo norte-americano. A revolta tenentista de 1924 teria sido expressão de uma grave crise na economia agrária-feudal brasileira e, no intuito de derrotar o domínio da oligarquia que dominava nesse contexto, os tenentes teriam recebido auxílio da burguesia industrial e, por intermédio desta, dos EUA. O papel do proletariado, após a derrota da revolta pequeno-burguesa (tenentista), deveria ser organizar-se sob a orientação do PCB, conhecer a realidade brasileira através do marxismo e, com essas armas em punho, unir-se a pequena-burguesia revoltosa para derrubar o domínio agrário-feudal³.

O livro de Brandão orientou as teses do II Congresso do PCB, ocorrido em 16 e 18 de maio de 1925 e, juntamente com a política de frente única da III Internacional (que estabelecia a aliança tática dos comunistas com setores reformistas do movimento operário em prol de conquistas imediatas), determinou em grande medida as ações do Partido até o III Congresso, em 1929.

Em São Paulo os comunistas buscavam o máximo possível seguir no mesmo ritmo publicando no jornal oposicionista *O Combate*, de propriedade da família Rangel Pestana e lançando a candidatura do BOC-SP para deputado estadual Nestor Pereira Jr., presidente da Associação dos Empregados no Comércio de São Paulo.

A cidade de São Paulo era então a mais industrializada do Brasil, tendo superado o Rio de Janeiro entre o começo da década de 20 e final da década de 10, contando com 203.736 operários para 3.629 fábricas e estabelecimentos industriais na capital paulista em 1927⁴. Dentre as principais categorias de trabalhadores, estavam trabalhadores da indústria têxtil (notadamente das Indústrias Matarazzo), da construção civil, ferroviários (com destaque para a Estrada de Ferro São Paulo Railway, Sorocabana e Central do Brasil) e os gráficos.

Apesar do pleno crescimento da cidade de São Paulo, o PCB parecia ter uma atuação débil na cidade, de forma que o Partido em São Paulo em diferentes momentos foi adjetivado pelos seus camaradas de outras localidades (principalmente Rio de Janeiro e Santos) como tendo uma “deficiência em sua atividade prática” que só poderia ser explicada pela “inércia e o desleixo”⁵, que São Paulo era o Polo Norte do PCB, pois “lá, tudo frio”⁶, que era uma “máquina emperrada”⁷ e mesmo que “o resultado em São Paulo sempre foi uma desgraça”⁸. Apesar de todas as críticas, o PCB tinha grande inserção nos operários gráficos, tendo dirigido a greve de 1923, que por sua vitória, marcou o dia 7 de fevereiro, dia de início da greve, como dia do trabalhador gráfico. Contava

³ Ver BRANDÃO, O. *Agrarismo e Industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.

⁴ DECCA, M.A.G. *A Vida Fora das Fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920 -1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. P. 15.

⁵ II Congresso do PCB. Teses e Resoluções. P. 3.

⁶ Carta de João [Freire de Oliveira] a Astrojildo Pereira. Santos, 20/05/1928. (CEDEM – Fundo Astrojildo Pereira)

⁷ Carta de João ao camarada Astrojildo. Santos, 16/09/1928. (CEDEM – Fundo Astrojildo Pereira)

⁸ BRANDÃO, O. Octávio Brandão (depoimento, 1977). Rio de Janeiro, CPDOC, 1993. P. 38.

também com a direção do sindicato dos garçons e trabalhadores do comércio e alguma inserção no sindicato dos sapateiros.

Foi nessa situação que o PCB participou das eleições para deputado estadual, ocorridas no dia 24 de fevereiro de 1928, lançando, como já dito, Nestor Pereira Jr. como candidato. Na ocasião, o PCB praticamente inaugurou na cidade, como não cansava de dizer na propaganda eleitoral publicada no jornal *O Combate*, a participação do proletariado nas eleições com uma perspectiva revolucionária e não reformista, ou, em suas próprias palavras, inaugurou “as lutas de classes no campo das eleições e do parlamento”⁹. Durante a campanha, os comunistas denunciaram a situação de penúria que os operários vivam nas fábricas e nos bairros, defendeu que a classe trabalhadora deveria ter acesso a saúde e a educação, que as férias e o salário mínimo deveriam ser conquistados, que as operárias grávidas deviam ter direito a descanso remunerado no período de gestação, dentre uma série de outras reivindicações já clássicas do movimento operário, afirmando sempre que os operários só poderiam contar com parlamentares saídos de dentro do próprio movimento operário para conseguirem tais medidas através do Parlamento e nunca com os parlamentares burgueses, pois esses só defenderiam os mesquinhos interesses de classe da burguesia.

Mesmo com a grande agitação eleitoral realizada pela candidatura do Bloco Operário e Camponês, os comunistas de São Paulo desistiram do pleito, retirando a candidatura de Nestor Pereira Jr. poucos dias antes da eleição, alegando como razão a perseguição policial que sofreram no comício do dia 16 de fevereiro, ocasião em que foram presos Plínio Gomes de Mello, orador que falava em nome do BOC e do PCB e Isis Silveira, representante de *O Combate*. Não bastasse a retirada da candidatura, o BOC ainda lançou apoio aos candidatos do Partido Democrático de São Paulo (PD), em manifesto publicado nas páginas de *O Combate*, no dia 20 de fevereiro, alegando que entre dois partidos burgueses, um reacionário (PRP) e outro liberal e democrático (PD), preferiam apoiar o segundo¹⁰.

Nem a Comissão Central do PCB e nem a do BOC foram previamente informadas da retirada da candidatura do BOC-SP para deputado estadual, recendo a notícia apenas dois dias depois. A ação de desistência não foi bem recebida pelos comunistas cariocas e, imediatamente, a direção do Partido pediu explicação ao Comitê Regional do PCB em São Paulo a respeito do caso. Também os comunistas de Santos escreveram ao CCE do PCB expressando grande desacordo com a atitude do BOC-SP. No fim das contas, a CC do BOC publica nota reprovando a atitude do BOC-SP, afirmando que não apenas a desistência foi uma capitulação, mas que o apoio ao PD foi um grave erro, pois o PD, sendo um partido burguês e oligárquico, era a negação do BOC. Como se não bastasse, a CC também considerou que com essa atitude, o BOC-SP anulou todo o trabalho que havia feito durante a campanha eleitoral e colaborou para abaixar o grau de consciência de classe do proletariado paulista¹¹.

Em crítica publicada na revista de circulação interna do PCB, *Auto-crítica*, a CCE vai além e afirma que a desistência da eleição por parte do BOC-SP deveu-se a proposta do deputado estadual do PD, Bertho Antonio Condé feita a Plínio Mello, onde este oferecia a ajuda dos democráticos para soltar os integrantes presos do BOC-SP e a criação de uma “seção operária” no jornal do PD, *Diário Nacional*, que ficaria sob a direção dos comunistas, bem como garantia de representação operária nos próximos pleitos, de forma a incluir no programa do PD o programa do BOC. O acordo, que havia sido narrado pelo próprio Plínio Mello em carta ao CCE, foi visto como uma cilada que em última análise teria como consequência a dissolução do BOC na cidade de São Paulo.

⁹ *A luta de classes no campo eleitoral*. *O Combate*. São Paulo, 06/02/1928. P. 6. (CEDEM).

¹⁰ *Bloco Operário e Camponês: reúne seus votos aos do Partido Democrático contra a opressão do P.R.P.* *O Combate*. São Paulo, 20/02/1928. P. 6. (CEDEM)

¹¹ *O BOC e as eleições de 24 de fevereiro*. *A Esquerda*. Rio de Janeiro. 11/04/1928. P.4.

Por essa razão, Plínio Mello se sentiu pessoalmente atacado pela Comissão Central do Partido Comunista e respondeu-lhes numa carta própria, pois suas posições a respeito do caso foram rejeitadas pelo próprio CR-SP. Este documento, disponibilizado agora ao leitor, evidencia que o debate de Mello com a CCE do PCB a respeito de um caso particular nas eleições paulistas, passou logo para um debate sobre o que era o Partido Democrático e daí para o debate sobre o que era o Brasil e qual deve ser a tática adotada pelos comunistas na Revolução Brasileira.

A análise que Plínio Mello elabora da realidade brasileira, tem alguns pontos incomuns para o universo intelectual dos comunistas na época. Plínio Mello, gaúcho nascido em Cruz Alta (Rio Grande do Sul), formado em direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, lugar que foi também o berço do Partido Democrático, acaba por se mostrar um grande defensor da aliança incondicional do PCB com este partido, usando em sua argumentação fartas citações de Lênin em seu *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*. De um lado, o Brasil apresentado por Plínio Mello apresenta características como ter na classe média a classe mais numerosa do país, e o adiantamento de afirmações mais tarde existentes na obra de seu colega da Faculdade de Direito e membro do PD na década de 20, Caio Prado Jr., de que no Brasil não haveria um campesinato propriamente dito, mas apenas o assalariado agrícola. De outro, conserva a análise oficial do PCB da época, para quem o Brasil era um país semi-feudal.

Curiosamente, a resposta da CCE à Carta de Plínio publicada no nº 6 de *Auto-crítica*, condenando todas as posições defendidas por ele, principalmente sua proposta de aliança tática com o PD, interpretando-o como partido pequeno-burguês (pois a CCE do PCB fez a análise acertada de que o PD era um partido da grande burguesia), figura ao lado do texto *O Proletariado perante a revolução-democrático-pequeno-burguesa* de Octávio Brandão, artigo continuador de *Agrarismo e Industrialismo*, e que defende justamente a aliança “do proletariado urbano e rural com os revoltosos pequeno-burgueses e com a grande burguesia liberal (grandes industriais e comerciantes) contra o czarismo brasileiro: o Partido Republicano”¹². Dessa forma, a tática defendida por Plínio Mello não estava tão distante da de Brandão, que era o principal teórico do Partido na época, e poderia ser interpretada como uma espécie de radicalização da mesma no que diz respeito a busca de alianças com a pequena-burguesia.

O debate de Plínio Mello com a CCE do PCB, terminado em dezembro de 1928, continha em seu seio as principais questões que os comunistas buscariam responder ao longo do século XX. Pode ser considerado como um ensaio mais ou menos não intencional dos comunistas brasileiros na difícil tarefa de construir uma interpretação da história do Brasil no objetivo de transformá-lo.

¹² BRANDÃO, O. *O proletariado perante a revolução democrático pequeno burguesa*. Auto-crítica nº 6. Rio de Janeiro, 1928. P. 13.

RECEBIDO EM: agosto de 2019

APROVADO EM: março de 2020